A Construção da Imagem Pacifista do Brasil e as Suas Consequências no Desenvolvimento Militar do País

Luiz Maurício de Andrade da Silva[1]

Cadete Victor Shigueo Sugahara do Nascimento[2]
Cadete Rafael César da Costa[3]
Cadete Vinicius Jacobi Quatrin[4]
Cadete Filipe Ferreira da Veiga[5]
Cadete Leonardo Matheus da Silva[6]

Academia da Força Aérea, Pirassununga.

Resumo

A relação de como um país vê a guerra e o investimento aplicado no campo da defesa talvez faça sentido em um primeiro momento de análise. Este trabalho tem por finalidade contextualizar o cenário brasileiro com relação a sua participação em conflitos armados, colocando a opinião pública em tela. A partir de análise histórica das guerras, juntamente com dados numéricos e gráficos relacionados à opinião pública, pode-se criar uma visão diferenciada do assunto. Ressaltam- se pontos como a opinião pública, convergindo para um apoio ao investimento maior, e as aplicações dos atuais planos de investimentos não condizentes uns aos outros. Com isso, chega- se a uma concepção de que quem estaria regendo o desenvolvimento na área da Defesa seria a Economia e não a opinião pública, a qual muitos acham ter valor fundamental nesse caso.

Palavras-chave: Brasil país pacífico. Investimentos em defesa. Forças Armadas brasileiras. Capacidade de dissuasão. Opinião pública.

1. Introdução

Inicialmente acredita-se que a falta de investimento no setor armamentista é justificada pela imagem pacífica que o Brasil tem. Aliás muitos duvidam da hipótese de que pode haver um conflito armado, e, ao se considerar isso como verdade, não haveria necessidade de investimentos no setor militar, no entanto essa é uma falsa sensação de segurança, pois o Brasil é um país riquíssimo em recursos naturais, e isso atrai os olhares de outras nações, e é fundamental que um país com tais projeções tenha como se defender.

Haja vista essa consideração mais estratégica e racional, em que o conflito deve ser tratado como algo a se considerar, há a necessidade de investimento no setor militar brasileiro, porém essa imagem pacífica, ora comentada, não permite que tantos gastos sejam empenhados

---

[1] Orientador da produção deste artigo. Professor de Planejamento Estratégico e Teoria da Decisão na Academia da Força Aérea – Pirassununga.
[2] Cadete do 5º período do curso de Intendência na Academia da Força Aérea – Pirassununga.
[3] Cadete do 5º período do curso de Intendência na Academia da Força Aérea – Pirassununga.
[4] Cadete do 3º período do curso de Intendência na Academia da Força Aérea – Pirassununga.
[5] Cadete do 1º período do curso de Aviação na Academia da Força Aérea – Pirassununga.
[6] Cadete do 1º período do curso de Aviação na Academia da Força Aérea – Pirassununga.

nessa área. Além do mais, não é só a população que vê o Brasil como um país pacífico, sociólogos, como Sérgio Buarque de Holanda, deixaram sua contribuição para esse pensamento: “Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial” (Holanda, 1995, p. 146), e também nos próprios documentos brasileiros já é mostrada essa posição de pacificidade: “O Brasil é pacífico por tradição e por convicção. Vive em paz com seus vizinhos [...] Esse traço de pacifismo é parte da identidade nacional e um valor a ser conservado pelo povo brasileiro” (Estratégia Nacional de Defesa, 2008, p. 8).

O brasileiro é visto como um povo alegre, que gosta de festas, futebol, carnaval, que é acolhedor, hospitaleiro. Tais imagens são difundidas internacionalmente desde meados do século XX com ícones como Carmem Miranda e o personagem Zé Carioca da Disney como vanguarda inicial. Assim, em muitos filmes desse século, as imagens mais recorrentes com relação ao Brasil remetem a um local paradisíaco, com praias e belezas naturais deslumbrantes. Essa difusão foi realizada por tanto tempo e por tantas vezes que a imagem cultural do Brasil para o povo brasileiro e o exterior é exatamente a de pacifismo acima de tudo. Buscar a paz deve ser um objetivo mundial, no entanto estar pronto para defender seu território, povo e interesses deve ser prioridade para que o país tenha plenas capacidades de se desenvolver com segurança. Afinal, como diz o antigo provérbio romano, em latim: "Si vis pacem, para bellum" ou "Se queres a paz, prepara-te para a guerra", do autor latino do 4º século, Publius Flavius Vegetius Renatus.

2. A Imagem das Forças Armadas Perante a População

Como todo gasto governamental, o investimento em defesa depende primordialmente do apoio populacional dado a ele, assim convencer a população do país sobre essa necessidade é tarefa crucial a ser cumprida pelas FFAA e seus apoiadores.

A forma como a população brasileira enxergou suas Forças Armadas flutuou intensamente ao longo da história do país. Essa imagem foi positiva, durantes os conflitos externos como a Guerra do Paraguai, e negativa quando Brasil estava sob regime militar, porém a opinião pública não interferiu de maneira relevante. Os governos investiram capital nas Forças Armadas segundo critérios econômicos e geopolíticos.

Os pontos altos dos investimentos no setor aconteceram quando o Brasil inseriu-se em conflitos, quando alinhou seu pensamento com potências estrangeiras (Era Vargas) e quando sua ideologia de governo pregava tal pensamento (Regime militar). Apesar da opinião pública flutuar, os investimentos se mostraram estáveis e democráticos, dada sempre a grande confiança das FFAA por parte da população. Isso tudo pode ser demonstrado pela Tabela 1 que expressa essa aceitação.

Faixa Etária	Confia Totalmente/Muito	Confia Razoavelmente	Confia Pouco/Não Confia Nada	NS/NR*
18 a 24 anos	46,9%	32,5%	20,6%	0,0%
25 a 34 anos	45,8%	33,2%	20,8%	0,1%
35 a 44 anos	43,7%	35,1%	20,9%	0,3%
45 a 54 anos	53,9%	31,1%	14,6%	0,4%
55 a 64 anos	54,1%	30,0%	15,7%	0,2%
+ 64 anos	58,1%	29,9%	11,5%	0,4%
BRASIL	**49,6%**	**32,3%**	**17,9%**	0,2%

Tabela 1 – Confiança nas Forças Armadas do Brasil (por faixa etária)
Fonte: Pesquisa *SIPS Defesa Nacional* – IPEA, 2011.

Podemos aliar esse cenário positivo à percepção do trabalho realizado pelas Forças Armadas, exposto na Tabela 2. Essa opinião muito favorável, só nos diz que os gastos com o setor de defesa não dependem da imagem. Pois, mesmo a população apoiando massivamente a ideia de gastar-se com defesa, os investimentos não se mostram eficientes. Grandes projetos estratégicos não são desenvolvidos desde a década de 1980. Somente após a década 1990, que se começou a pensar de maneira mais acadêmica sobre o assunto, quando, então, surgiu o conceito de Planejamento Estratégico.

Região do Brasil	Muito Bom/Bom	Regular	Ruim/Muito Ruim	NS/NR*
Centro-Oeste	71,2%	22,9%	5,2%	0,7%
Nordeste	60,8%	29,0%	6,8%	3,4%
Norte	79,0%	15,0%	5,0%	1,0%
Sudeste	68,3%	23,9%	6,0%	1,8%
Sul	75,4%	16,8%	6,2%	1,6%
BRASIL	**68,3%**	**23,5%**	**6,1%**	**2,1%**

Tabela 2: Percepção sobre o trabalho realizado pelas Forças Armadas do Brasil (por região)
Fonte: Pesquisa *SIPS Defesa Nacional* – IPEA, 2011.

Diante dos dados apresentados, pode-se chegar a um novo ponto de vista. De um lado temos quase 70% da população avaliando o trabalho das Forças Armadas como muito bom ou

bom, aliados a uma confiança majoritariamente igual. De outro, historicamente, os valores respeitam muito mais as variações econômicas do que a opinião pública em si.

3. As Forças Armadas no Século XXI e suas Perspectivas Futuras

Para falar das Forças Armadas no século XXI precisamos antes saber um pouco sobre como anda a Indústria de Defesa Brasileira, aliás, é ela quem fornece os equipamentos e munições básicos, e massivamente, para nossas fileiras. Evidenciando-se sua importância no site do Ministério da Defesa em que diz, sobre a Base Industrial de Defesa: "Defesa e Desenvolvimento caminham juntos quando os investimentos na capacitação das Forças Armadas criam oportunidades que favorecem a inovação e o crescimento econômico. "

O Governo Brasileiro hoje, tem como foco conseguir a soberania tecnológica nos meios de produção e de conhecimento dos materiais bélicos, o que impulsiona a Indústria de Defesa Nacional pois entende-se que ela é fundamental no suprimento dos vetores de combate numa situação belicosa bem como projetar-se no cenário internacional como uma potência capaz de defender seus interesses.

A Base Industrial de Defesa hoje está extremamente atrelada às necessidades das Forças Armadas Brasileiras e depende profundamente dos projetos estratégicos e obtenção de meios navais, aéreos ou terrestres. Sendo assim, crises econômicas podem ditar o futuro de diversas empresas brasileiras voltadas para o setor, o que configura um risco altíssimo para toda a gama de conhecimento e meios fabris adquiridos até agora. No entanto, a Indústria segue com grande potencial de crescimento e com diversas inovações tecnológicas, que são apresentadas às Forças com vistas a suprir suas necessidades, exemplificando-se no Gladiador II, fruto de uma parceria entre os grupos RAFAEL e IMBRAFILTRO ou a DGS 888 Raptor, embarcação hidrojato blindada da DGS Defense.

O Brasil, país continental, possui riquezas naturais em quantidades absurdas e a previsão para o futuro é um Mundo onde os recursos se tornarão cada vez mais escassos e os conflitos em busca deles será inevitável, para tal o Brasil necessita estar capacitado para defender o que é seu. Nesta guerra futura, o modo convencional de batalha, com grandes exércitos entre nações torna-se cada vez mais difícil de se visualizar e guerras assimétricas tornam-se dominantes por todo o globo, na Síria, na Ucrânia, nos terroristas que atacam a Ásia e a Europa. A guerra da desinformação, aplicada desde a Antiguidade e vista nas guerras árabe-israelenses e na Invasão ao Iraque, em que enganar o inimigo e plantar notícias ou induzi-los ao erro, é tática eficaz que tende apenas a aumentar seu emprego. Assim, a comunicação e a tecnologia tornam-se fundamentais no combate ao inimigo do futuro, a guerra cibernética toma corpo e são os sistemas eletrônicos, os softwares e os hackers as armas do futuro.

Sendo assim, as Forças Armadas estão pensando no futuro e seus Programas Estratégicos são prova de que o Brasil está dando os passos necessários para poder enfrentar todas as vertentes que a guerra puder se desenrolar. Pode-se esperar, então, uma crescente demanda por capacitação da tropa, principalmente no nível técnico, um maior aparelhamento a nível bélico do soldado e a informatização e compartilhamento de informação de todos os meios de emprego no combate. Logo, o futuro cobrará da Nação uma Força muito bem equipada e preparada, sem vácuos na comunicação e com um sistema virtual cada vez mais forte, passos iniciados com o lançamento de nosso primeiro satélite geoestacionário.

4. Dissuasão: O uso das Armas Para se Evitar a Guerra

O termo dissuadir quando abordado pela geopolítica tem um grande poder principalmente quando é abordado por países que desejam ocupar uma posição privilegiada no contexto mundial. Portanto, deve-se levar em conta que os países buscam o desenvolvimento e a manutenção de uma estrutura militar defensiva-ofensiva, isto é, uma capacidade de causar danos inaceitáveis à outra parte inibindo a tomada de posturas ofensivas pelos seus inimigos. A dissuasão demonstra de uma forma pacífica como prevenir a guerra.

Para tanto é imprescindível que a dissuasão seja efetiva e para isso são levados em conta três aspectos: construir um ambiente de incerteza na mente do 'inimigo'; dar credibilidade ao seu poderio militar e não ter receio em agir, caso necessário.

Na Guerra Fria, um contexto com um tom instável em que o mundo vivia sob o temor de uma terceira guerra mundial, a dissuasão foi muito empregada tanto pelos Estados Unidos quanto pela União Soviética. Essas potências desenvolveram uma intensa corrida armamentista, visando possuir a melhor capacidade de empregar armas nucleares, cujo uso poderia levar ao colapso da civilização. Portanto, o "equilíbrio dissuasor" desse período foi o único pilar responsável para a sustentação da paz mundial.

Conforme afirma a END (2008, p.8) "Vive-se em um mundo em que a intimidação tripudia sobre a boa fé", portanto, as nações que desejam manter a sua soberania e fazê-la valer devem estar preparadas para reagir a qualquer tipo de intimidação, porque, caso falhe a diplomacia, a atitude que impede uma guerra de ocorrer é dissuadir o inimigo para evitar o conflito.

O Brasil, imerso nesse cenário internacional, tenta afirmar sua posição global e mostrar ao mundo como é fundamental o desenvolvimento de um poder militar dissuasório. E na Estratégia Nacional de Defesa brasileira, documento que estabelece logo como primeira diretriz "dissuadir a concentração de forças hostis nas fronteiras terrestres, nos limites das águas jurisdicionais brasileiras, e impedir-lhes o uso do espaço aéreo nacional" (BRASIL, 2008, p. 11), essa ideologia fica expressa.

Para que tal ideologia fique fundamentada a END prevê uma grande reestruturação das Forças armadas, visando gerar "poder de combate que propicie credibilidade à estratégia da dissuasão" (BRASIL, 2008, p. 49). E esse desenvolvimento das Forças Armadas é fundamental para que seja cumprida a estratégia de dissuasão, para conquistar outros objetivos, como aumentar a sua zona de influência.

Entretanto, mesmo o Brasil tendo como objetivo a dissuasão militar, há uma grande defasagem entre a sua ideologia estratégica e o seu poderio militar propriamente dito. Talvez a razão para isso seja que não existe qualquer pretensão do país em ingressar num conflito ou sequer possua algum impasse com outra nação que não possa ser solucionado diplomaticamente. No entanto, a segurança de suas fronteiras, de seu território e o tão desejado assento permanente no conselho de segurança da ONU são motivos que tornam os investimentos na área de Defesa plenamente justificáveis, e, ainda assim, é essencial que seja revertida essa política exclusivamente diplomática assumida pelo Brasil para se adequar ao

contexto mundial, tendo em vista que só assim serão obtidas plenas capacidades de dissuasão e manutenção da própria soberania.

5. Considerações finais

A influência das Forças Armadas no Brasil pode ser notada em diversos momentos históricos do país, como observado por Risali:

> Todos os períodos históricos brasileiros foram marcados e influenciados por diversos conflitos externos e internos. Como exemplo podemos citar a Guerra do Paraguai que levou, ainda que indiretamente, ao fim do Império e à Proclamação da República. (Risali, 2016)

Esse fato não está associado a um cenário com ausência de suporte da opinião pública, mas única e exclusivamente a fatores econômicos e contou com uma participação ativa das FFAA do Brasil. É fato, também, que possuir Forças Armadas bem aparelhadas e treinadas possibilita influenciar direta e indiretamente cenários políticos e econômicos através da projeção de poder, sem, no entanto, ter que necessariamente disparar uma única bala. Entretanto, para que isso seja possível é necessária uma base econômica perene, capaz de suprir todas as demandas com relação ao desenvolvimento do Estado e à sua segurança.

No Brasil, tal base nunca se apresentou estável. Ainda que tenha se aproveitado historicamente de ciclos econômicos de vendas de artigos agrários, como café e açúcar, o país não soube utilizar esses 'booms' na economia para se desenvolver e buscar a estabilidade dos cofres públicos.

Tal ineficiência administrativa histórica, marcada pelo paternalismo nos diversos governos, é razão primordial dos desmantelamentos das Forças Armadas brasileiras e de instabilidades político-sociais ao longo da história, pois acarretou o atraso do desenvolvimento industrial no Brasil, bem como a troca de favores entre público e privado cujos beneficiários eram apenas aqueles que propriamente estavam envolvidos nos negócios e não no bem público.

Assim, enquanto na década de 1940 o Brasil começava a construir suas primeiras indústrias, os EUA e a Europa já possuíam parques industriais. Como consequência dessa industrialização tardia, o país passou a estar sempre numa posição à retaguarda, no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico, tornando-se mais acentuado, durante o período da Guerra Fria, no qual o avanço tecnológico foi vertiginoso devido a uma disputa ideológica entre os sistemas político-econômicos comunista e capitalista, representados, respectivamente, pela URSS e pelos EUA. Devido a este desenvolvimento tardio, enquanto os estadunidenses comemoravam a chegada do homem à lua por um americano. O Brasil lançava o EMB-110 *Bandeirante.*

Embora o cenário do passado não tenha sido favorável para o país, as expectativas para o futuro são positivas, pois ainda que tenha sido implantada, de forma equivocada, a imagem de que o Brasil é um país pacífico, os cidadãos brasileiros depositam grande confiança nas Forças Armadas e concordam que os recursos destinados a elas são insuficientes e necessitam ser incrementados, como é possível notar em pesquisas do IPEA e do cadete Risali. Outro fator que tornaram as expectativas positivas foi a criação de documentos que fornecem um planejamento estratégico de desenvolvimento nacional de país e de defesa, com informações detalhadas sobre

metas, missões e objetivos, bem como estabelecem diretrizes e posicionamento político estratégico do Brasil com relação aos assuntos globais.

6. Referências

Brasil. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DALVI, Diogo Piassi. **Forças Armadas Brasileiras:** Confiabilidade institucional e exposição mediática. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da comunicação, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18899/1/DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO ALUNO 132.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

RISALI, André. **A Construção da Imagem Pacifista do Brasil e as suas Consequências no Desenvolvimento Militar do País.** 2016. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Academia da Força Aérea, Pirassununga. 2016

RAMOS, Fábio Pestana. **Quem disse que brasileiro é pacífico?:** Já tivemos no Brasil várias revoltas armadas. 2010. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/search/label/2010-A1-08V.ago.-S.20/08>. Acesso em: 19 abr. 2017.

WELFER, Rafael Luciano. **A história da indústria militar brasileira:** organizações, complexo industrial e mercado durante o século XX. 2014. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2014. Disponível em: http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2727/rafael welfer tcc.pdf?sequence=1. Acesso em: 19 abr. 2017.